

A close-up photograph of two hands clasped together in a firm grip. The hands are positioned in the center of the frame, with fingers interlaced. The skin tone is light, and the background is a soft, out-of-focus green, suggesting an outdoor setting with foliage. The lighting is natural and soft, highlighting the texture of the skin and the strength of the grip.

Larissa Zeggio

# O AMOR DE ALGUÉM

crônicas de esperança



L a r i s s a   Z e g g i o

**O AMOR DE  
ALGUÉM**

crônicas de esperança

© IBIES edições, 2019

Todos os direitos de publicação reservados por

Capa  
*Larissa Zeggio*

**Supervisão editorial**  
*Larissa Zeggio*

**Diagramação**  
*Andréa FM Pereira*

Todos os direitos reservados e protegidos por lei. Proibida a reprodução deste volume ou de qualquer parte deste volume, por quaisquer meios, sem a prévia autorização expressa dos editores e detentores de direitos autorais.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

O amor de alguém: crônicas de esperança/ Larissa Zeggio. Florianópolis: IBIES, 2019  
Bibliografia

1. Poesia – Literatura 2. Crônicas – Literatura 3. Autoajuda. I. Zeggio, Larissa.

CDD-800

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura 800 2. Coletânea/Miscelânea

B869.8

# *Dedicatória*

Esse livro é dedicado ao amor que o inspirou,  
Maria Teresa Zeggio, minha mãe,  
exemplo de superação e força.



“Quando a dor for tão grande que se seja incapaz de absorvê-la,  
Quando a dor for tão agonizante que não se enxergue mais nada,  
Quando a dor for tão intensa que se perca a sanidade:  
Escreva! A dor que transborda em palavras semeia esperança.”

Larissa Zeggio



## *Prefácio*

*“Escrever é a arte de transformar  
a dor em aprendizagem.”*

(L.Z.)

Decidi compilar essas crônicas como um registro de amor. Tal qual o amor as inspirou, por amor escolho as eternizar.

Aos incautos: não se tratam de crônicas sobre amor entre amantes. Nem é a paixão que as dirige. O que as move é a dor e o medo, assim como a esperança e a fé. Portanto, queridos leitores, tenham em mente que a temática será dura, ainda que acolhedora.

A ameaça de perder alguém que amamos de forma inesperada talvez seja uma das dores mais mobilizantes que já conheci. Talvez ainda maior do que perder, de fato, um amor. Pois quando o amor se vai e temos o luto, o que nos consome transitoriamente é a tristeza e as saudades, com maiores ou menores pitadas de culpa. Mas quando o amor ainda está, cambaleante entre vida e morte, é o medo e a impotência a nos consumir.

No dia 25 de outubro de 2018 a vida me trouxe uma tragédia; dessas que são difíceis até de definir.

Naquela quinta-feira que se iniciou não muito diferente das outras, minha mãe e meu marido sofreram um grave acidente de carro, a poucos quilômetros de casa. Do telefonema do serviço de resgate – enquanto minha mãe ainda estava presa aos escombros – até o dia de hoje, a vida parece ter seguido seu próprio rumo, bem diferente do controle e planejamento que eu estava acostumada.

Escrever foi a única forma de enfrentar meus próprios demônios, ataçados pela tragédia. Inicialmente os registros, publicados no Facebook, começaram como forma de informar os amigos e familiares. Aos poucos foram se transformando em uma ação terapêutica, para me ajudar a digerir tantos e tão intensos sentimentos. É possível perceber quando as palavras de desespero se tornam algo diferente com o passar dos dias.

Não. Não tenho a pretensão de achar que o que escrevi tem, de fato, valor literário. A estética das palavras não foi pensada ou produzida em momento algum. Vomitei palavras e sentimentos como se ambos fossem a mesma coisa e, em alguns momentos, um pouco de lírica pode ter aflorado.

Mas escrever foi a forma de transformar todo o medo e impotência em esperança. Aprendi a reverenciar o amor, cultivar a gratidão, descobrir a fé, reencontrar a sanidade.

Sanidade... não sei ao certo se a reencontrei ou a redefini. O fato é que essas crônicas me permitiram seguir em frente e enfrentar meus demônios de um jeito mais suave.

Desejo que todos aqueles que encaram suas tragédias se permitam escrever; e que encontrem algum conforto na minha própria dor.

Com gratidão,

Larissa Zeggio, 16 de junho de 2019.

UM SEGUNDO,  
O CHÃO MOLHADO,  
E MUDA O MUNDO.  
AH! A FRAGILIDADE HUMANA!  
CARPE DIEM.

*Quinta-feira, 25 de outubro de 2018, 22h*

Minha mãe em estado grave.

Carro capotou com meu marido e minha mãe. Imploro que, cada um com suas crenças, envie energias positivas. Estabilizou e está entrando em cirurgia agora. Nome da mãe para orações Maria Teresa Zeggio. Fran está fora de risco de vida.

Gratidão. Fé e força.

*Sexta-feira, 26 de outubro de 2018, 8:30h*

O quadro permanece muito grave, muito grave. A equipe do hospital tem sido espetacular, mas há limites.

Desde a hora do almoço estão tentando estabilizá-la. Ela entrou em cirurgia a uma hora da manhã e as três horas a equipe de ortopedia informou que a cirurgia do fêmur foi boa. Eu deveria aguardar o anestesista.

(...)

Cinco horas da manhã o anestesista, Dr. Alan, informou que não a tiraria da intubação ou sedação, pois ela estava com lesão nos dois pulmões (em vista das fraturas de costela: 16 costelas fraturadas!) e, por causa das fraturas da coluna cervical, seria arriscado se precisasse fazer uma intubação de emergência. Além disso, ela não conseguia ainda manter a pressão arterial sozinha.

(...)

Oito e vinte da manhã e o anestesista informou que o caso segue grave e a equipe médica suspeita de lesão no coração. Mãe permanece no centro cirúrgico intubada e sedada. Estão tratando o possível e aguardando a UTI (embora o centro cirúrgico seja melhor que a UTI nesse momento).

É preciso aguardar e confiar na recuperação dela, gradualmente.

Agradeço as energias e orações, ela precisa.

Obrigada.

*Sexta-feira, 26 de outubro de 2018, 21h*

Por favor, orem. Eu vos imploro.

Não há palavras. A gravidade do quadro da mami é tanta que não sei descrever.

Ela finalmente foi para a UTI agora a noite, permanece sedada e entubada. Cantei “Un mazzolin di fiori” para ela. Fiz cafuné. Disse que havia uma corrente de pensamentos, orações e energias positivas do tamanho do universo para ela. Que as amigas mandavam recados, que a família a amava, que eu a amava muito.

A pressão finalmente se estabilizou; tiraram a noradrenalina. As lesões são muito graves: coluna, costelas, fêmur, clavícula, mão, dedos, pequeno traumatismo cranioencefálico.

Beije sua testa muitas vezes. Fiz carinho no braço. Escondi as lágrimas e falei de esperança, de como ela é guerreira e forte, de como ela é minha inspiração de vida. Mãe e pai. Modelo.

Desejei do fundo do meu coração trocar de lugar com ela. Fiz promessas e pactos. Ela não merece.

ELA não merece.

Agradeço o carinho de tantas pessoas. Não consigo agradecer direito.

Tenho tentado manter todos informados.

Aceito apoio e ajuda de todos. Aceito amigos e amigos de amigos que conheçam médicos no hospital. Não há previsão de nada.

Depois de 33 horas contínuas aqui, me expulsaram do hospital. Amanhã retorno as 14:30h para a UTI.

Se há algo capaz de a fazer melhorar, é esse algo que eu clamo.

Amor.

Gratidão pelos pequenos ganhos de hoje.

Gratidão pela equipe incrível do hospital.

Gratidão a cada um que está torcendo e rezando. Isso faz muita diferença, vocês nem imaginam.

Gratidão.

*Sábado, 27 de outubro de 2018*

Gratidão.

Em meio ao caos há empatia e compaixão, competência e dedicação, solidariedade e amor.

Agradeço do fundo do meu coração todas as mensagens, ligações, “comentários” e vibrações. São mais de 500 recados por dia e não tenho conseguido dar a atenção singular que cada um merece.

Os recados não me incomodam, pelo contrário. Ainda que não os consiga responder, cada recado é uma gota de esperança e amor para meu coração, e a certeza de que há uma rede em prol da minha mãe. Por favor continuem.

Gratidão.

Não há outra palavra. Não há outro sentimento.

Gratidão por minha mãe estar estável. Uma senhora de 68 anos sobreviver àquele acidente é de uma raridade inacreditável. Só a lesão de C2 (na coluna) deveria levar à morte instantânea, e para ela não houve nem lesão medular, embora tudo seja gravíssimo.

Gratidão ao SAMU que chegou em menos de 5 minutos.

Gratidão aos bombeiros que chegaram em 12 minutos e fizeram um trabalho espetacular.

Gratidão ao socorrista que segurava a maca junto comigo dentro da ambulância, durante os mais de 40 minutos até o hospital, para que os defeitos na pista não machucassem ainda mais a minha mãe.

Gratidão a minha mãe por ter suportado a dor excruciante acordada comigo na ambulância por todo o caminho, sem nenhum analgésico. Coberta de sangue, 16 costelas fraturadas, clavícula fraturada, coluna fraturada, fêmur estilhaçado, e ter sido tão forte como nunca imaginei que alguém pudesse ser.

Gratidão a equipe do Hospital que tem sido simplesmente extraordinária. Cada um dos médicos, enfermeiros, assistentes.

Gratidão por meu marido estar vivo e bem, dentro do possível.

Gratidão.

A compaixão de vocês tem sido enorme.

Eu tenho fé nas pessoas, eu tenho fé na vida. Cada um de vocês aumenta a força dessa fé.

Hoje eu só quero ser grata por minha mãe estar viva, estável, e haver esperança. Hoje eu só quero agradecer a cada um de vocês por tudo. Por favor mantenham ela em foco. Eu não preciso de nada. Ela precisa de tudo.

Fé e força.

Gratidão.

*29 de outubro de 2018*

Crônicas de uma professora em trânsito: Homenagem à minha mãe.

Há quem diga que ser professor é Dom, Vocação. Não acredito muito nisso... penso que está mais para inspiração e suor.

Eu cresci entre provas e atividades escolares.

Em época de páscoa eram tantos ovos e presentes que minha mãe recebia, que minha função era ajudar a separar para quem seriam doados. Eu, pequena, só pensava: como gostam dela! Ela deve ser uma professora maravilhosa! Ser professor deve ser muito legal!

Ainda que inicialmente minha cabeça de criança pensasse que ser professor era legal pela quantidade de chocolate recebido – por favor, tenham empatia e entendam as gulodices infantis – eu fui crescendo com uma admiração incrível pela minha mãe. Uma admiração incrível pela arte de educar.

Tive o privilégio de estudar em colégios que ela trabalhou. Eram suas amigas as minhas professoras. E, óbvio, eu abusava disso.

Ainda muito pequena lembro que sempre que eu me escondia embaixo da mesa da professora minha mãe aparecia na sala para ver se estava tudo bem. Lembro dos acampamentos que eu não tinha idade para ir, mas ia. E “dormia” na mesa do jantar só para alguém me levar no colo até o quarto. Tenho certeza de que ela sabia dos meus fingimentos, mas consentia.

Um pouco mais velha, lembro também do quanto ela trabalhava e se dedicava. Apesar dos três turnos de trabalho [ela também lecionava na universidade], apesar de ser pai e mãe, era ela quem almoçava com a gente e nos levava para o clube a tarde. E aí se eu não tivesse feito a lição de casa quando ela nos buscava a noite!

Aprendi desde cedo que o bom professor se importa com toda a vida do estudante, inclusive fora da escola. Era importante estudar, fazer lição, fazer esporte, respeitar os professores.

Assim, aprender e ensinar eram a liga da casa. Ler – nossa biblioteca sempre tão abarrotada – era tão natural que só fui entender muito mais tarde que a casa das pessoas não era assim.

Não me admira que naturalmente tudo isso me inspirasse. Aquele modelo de mulher invencível, independente, competente e amada, era aquilo tudo o que eu queria ser.

Por caminhos tortos, foi o que me tornei. Todas as formações, doutorados e pós-doutorados só existiram para, cada vez mais, eu tentar me tornar um décimo do que ela é.

E essa mistura de amor por mãe e amor por professora é o que me faz, hoje, ter tantos alunos-filhos.

A você, minha mãe, eu devo tudo o que sou.

Por você, minha mãe, eu darei tudo o que tenho. E olha que você me construiu ENORME!

Te amo.

*5 de novembro de 2018*

Hoje eu preciso falar de gratidão, empatia, compaixão e pessoas modelo.

Faz 11 dias que vivo um inferno, um sentimento de impotência, desamparo e imprevisibilidade que não desejaria ao meu pior inimigo. É um tipo de tortura contínua que vai moendo a gente por dentro. Se soma a isso o fato de ver minha mãe naquele estado. Cada visita é como uma reexposição traumática, ao invés de dessensibilizar, sensibiliza.

Mas o que isso tem relação com gratidão, empatia, compaixão e pessoas modelo?

Dra. Carolina Moreira Bez.

Carol, como ela gosta de ser chamada. É onde tudo isso faz algum sentido.

Não consigo pensar em uma médica mais competente e humana.

Eu percebo competência à distância, e a dela pode ser sentida a léguas.

Não bastasse isso (eu sou eternamente grata pela competência dela e de toda a equipe médica, de enfermagem e limpeza do hospital), essa mulher transborda carinho e positividade.

Sempre me recebe com um sorriso de orelha a orelha, um tom de voz alegre e motivador, com uma fala assertiva que, mesmo quando é dura, é carinhosa e acolhedora.

Ela já me ofereceu seu ombro, já me deu bronca, tem uma paciência enorme ao explicar os detalhes do quadro da minha mãe, vibra genuinamente com a evolução da mami (e ela vibra mesmo, daquele jeito gostoso que contagia), e faz de tudo para mami ficar confortável e se recuperar logo.

Seu comportamento vai além de empatia – que certamente a paralisaria ao sentir minha dor e o estado da mami – ela exala compaixão e generosidade.

É, de fato, uma pessoa modelo; dessas que eu vivo ensinando em aulas e na terapia com os pacientes. Merecia um livro para ser descrita como pessoa modelo e inspirar comportamentos saudáveis. Na ausência desse, faço aqui minha singela homenagem a essa pessoa singular.

Todos os meus votos que ela conquiste tudo o que deseja.

Meus mais sinceros votos de que cada pessoa no mundo encontre uma Carol quando precisar.

Acho até que “Carol” deveria ser tipo um elogio:

– Nossa! Você está tão Carol hoje!

Gratidão.

Ps1: aos amigos e colegas que estão me ajudando sobremaneira, não se sintam enciumados. O que cada um de vocês fez e tem feito por mim não tem preço. Se há algo que tenho cultivado em mim com grande força é gratidão.

Ps2: Hoje mami estava melhor, o que me permitiu a leveza em escrever esse texto. Está estável, pneumonia melhorando, previsão de estubar essa semana (e fazer traqueostomia), pressão mais controlada, reduzindo analgésicos. O caminho será longo, mas já é possível ver uma pequena luz no final do túnel.

*12 de novembro de 2018*

A resiliência deixa a gente insolente.

A essa altura da história, todos estão cientes da minha saga: 19 dias de altos e baixos com mami na UTI, ambas se esforçando para sobreviver.

Mas a insolência pode ser positiva...

Aquele espaço branco e inóspito, repleto de fios gelados, onde corpo e alma padecem, parece nunca ter brilho. Local de tédio e incômodo.

Aí a gente procura incansavelmente a beleza e a encontra ora se esgueirando em sorrisos e apoios, ora escancarada na janela.

Ah, a janela!

Se há algo que me acalmou desde o início da mami na UTI foi a janela.

Sua cama está ao lado de uma janela enorme, que faz vistas para um jardim. Duas árvores frondosas que alcançam o terceiro andar do seu quarto, e um ipê roxo transbordando em flores.

Mas, como disse, a insolência pode ser positiva...

Faz dias que percebo o incômodo dela, cada vez mais consciente, e seu tédio. Dia desses me perguntou se havia janela onde estava – o colar cervical a impede de mexer a cabeça, numa prisão que a permite apenas olhar o teto.

Descrevi o ambiente, a janela, as árvores e as flores. Ela pareceu um pouco incrédula. Talvez tenha imaginado que queria apenas a agradar, já que adora ipês.

Mas hoje a minha insolência positiva me fez tomar coragem e procurar a médica-anja-pessoa-modelo com um pedido.

– Dra. Carol, só porque estou alegre hoje, posso te fazer um pedido que vai soar absurdo?

Ela me olha intrigada e responde com um semi sorriso:  
– O que você quer?

– Será que eu podia... assim... sei que não é adequado... mas será que eu podia mexer a cama da mami por uns cinco minutos para mostrar para ela o ipê roxo? Desculpe, não quero atrapalhar... sei que é errado... mas acho que ela gostaria tanto...

Aquela alma acolhedora – que por dentro devia estar pensando “ essa menina é uma maluca ” – abriu o tão conhecido largo sorriso de orelha a orelha e respondeu docemente com cara de sapeca:

– Vai lá, mas só um pouquinho.

Só faltava eu saltitar pela UTI, porque cantando eu já estava.

Fui lá, destravei os pés da cama, mami sonolenta, fiz uma manobra vagarosamente planejada, acordei a mami com um beijo e falei ao seu ouvido:

– Olha mami, lembra que eu te contei do seu jardim? Olha o tamanho dessas árvores! Olha o seu ipê roxo que forra o chão de flores todos os dias.

Ela sorriu. Pude ver uma lágrima rolando dos seus olhos. Os meus marejados pela intensidade daquele momento não permitiram que eu falasse.

Conforto, carinho.

Fiz cafuné e ela dormiu olhando as flores.

Voltei a cantar enquanto manobrava de volta a cama.

Gratidão.

Ps1: sobre notícias objetivas. Mami está melhorando lentamente. Pneumonia e sepse controladas com antibióticos que vão perdurar mais alguns dias (pois é, ela teve outra infecção...). Pulmões ainda não dão conta de respirar sozinhos. Fez uma traqueostomia na última 5a feira que a permitiu tirar o tubo da boca; tubo agora ligado na traqueostomia e num aparelho respirador para ajudá-la a inflar os pulmões (lembrem, 16 costelas...). Está se adaptando bem ao aparelho respirador portátil e já tem previsão de alta para o quarto. Sim, meu coração transborda. Essa semana estão agendando a troca dos ferros da perna por uma haste. Infectologista a liberou hoje para essa nova cirurgia. Estamos esperando o aval e disponibilidade da equipe de ortopedia. Clavícula e costelas seguem se recuperando lentamente. Ainda permanece com o colar cervical (origem de seu maior incômodo) para estabilizar e recuperar as fraturas na coluna. O traumatismo cranioencefálico parece que não deixou sequelas, veremos com o passar do tempo. Se mexe “plenamente”, dentro das possibilidades de ter que ficar quietinha na cama. Feridas melhorando bastante, desinchando gradativamente. Pressão controlada – já retornou à sua medicação usual. Permanece com morfina e alguma pouca sedação, além dos antibióticos. Não consegue emitir sons – em vista da traqueostomia e do aparelho de respiração – mas movimenta os lábios, que compreendo com MUITA dificuldade. Amanhã começarei a usar um software de comunicação alternativa com ela. Espero que ajude.

Tenho lido os cartões que os amigos têm mandado. Hoje ela se emocionou bastante num dos momentos que ficou acordada. Agradeço de coração o envio.

Quem quiser enviar cartão com mensagens (já que celulares não são permitidos), segue o endereço do meu consultório.

Por favor continuem a vibração, pensamentos e orações.

Obrigada a todos. Lari.

*15 de novembro de 2018*

Tenho explorado o hospital para combater o tédio.

As visitas à UTI são breves, e o intervalo entre elas parece interminável. Não há concentração ou paz que me permita ler – esse meu recurso sempre tão útil – ou tranquilidade para fazer qualquer outra coisa. Caminhar parece ser o caminho, mas não tenho coragem de me afastar do hospital. Por isso, exploro os corredores.

Observo as pessoas, médicos e pacientes, enfermeiros e familiares. Se há algo que não define um hospital é tranquilidade. Todos correm ou sofrem. Cada rosto descreve apenas parte da história que podemos observar.

Numa de minhas incursões encontrei um papel na parede, estava escrito:

“O paciente não é só o paciente,  
ele é o amor de alguém.”

É isso!

O tamanho da epifania que me arrebatou é do tamanho das histórias que não consigo imaginar ao ver aqueles rostos. Não são apenas pessoas que sofrem, não são apenas suas doenças e tragédias. O que precisamos enxergar é o amor de alguém.

*19 de novembro de 2018*

A vida – se é que ainda posso chamar o que me encontro de vida – parece uma montanha russa. Não consigo prever o que acontecerá nem nos próximos minutos. A sensação de desemparo e impotência é enlouquecedora.

Tenho feito amigos no hospital depois de tantos dias aqui. Somos como uma grande família que se apoia quando um dos seus amores na UTI tem uma piora assustadora. E que vibra juntos quando um dos amores faz atos heroicos como piscar ou reaprender a respirar.

Parece que nos conhecemos há décadas: é fato que a dor e o desamparo criam vínculos intensos e rápidos. Trocamos confidências e falamos dos nossos maiores sonhos, todos suspensos em vista da vida suspensa. Compartilhamos lágrimas e medo, daqueles tão íntimos que costumeiramente escondemos até de nós mesmos. E, vez por outra, alguém desaparece.

Quando a morte chega certa no amor de alguém toda essa fraternidade perde o sentido. O que nos liga mesmo é a esperança. Quando ela se esvai, se vai também a convivência, embora o carinho continue.

Mas preciso admitir que eu não conseguiria sem eles. Ou eles sem mim e os outros.

Se há algo que aprendi nesses tempos trágicos é que nada conforta mais que o olhar humano de quem sofre uma dor parecida. Talvez por isso os grupos de ajuda sejam tão eficientes: vemos nos outros a nossa dor refletida, recebemos dos outros o acolhimento que eles querem para si.

Que a esperança e a humanidade nos fortaleçam.

Fé e força.

Gratidão.

*22 de novembro de 2018.*

Uma palavra: quartooooo!

Depois de 29 dias na UTI, mami foi para o quarto.

Assim que meu cérebro voltar a funcionar escrevo direito, queria apenas agradecer a cada um de vocês pelo apoio, carinho e orações. Não tenho palavras. Obrigada.

*03 de dezembro de 2018*

40 dias e 40 noites... O tempo é relativo.

Sinto como se meses tivessem se passado nessas paredes brancas e gélidas do hospital. As vezes mal consigo lembrar da minha vida pregressa. Noutras, me pego refletindo sobre o que é verdadeiramente a vida.

Não tenho respostas, nem memória.

40 dias e 40 noites. Há quem diga que esse é o tempo necessário para se preparar para algo novo que vai acontecer. Os livros religiosos estão repletos de desafios com essa duração que precedem tempos novos e de esperança.

E eu – cientista-atéia-que-só-acredita-em-evidências – me pego tentando encontrar sinais.

Mente confusa, corpo cansado. Talvez os sinais se traduzam de muitas formas.

O mesmo Ipê roxo me acompanha no novo quarto. Não está mais tão florido e nem se escancara na janela, mas sorrateiro me sorri de longe como se dissesse: “eu continuo aqui, fique firme”.

Fizemos também novos amigos. Uma família de pardais aproveita, diariamente, a sombra embaixo da nossa janela. Mami gosta de escutá-los cantar. E eu, grata, distribuo migalhas para eles de tempos em tempos.

As pequenas belezas existem, embora as grandes dores quase nos ceguem. Noites em claro, secreções que sufocam gargantas e almas. Um sofrimento compartilhado que parece não ter fim.

Então, num dos piores dias de exaustão, esse mesmo que completava 40 dias e 40 noites, mami chorando de cansaço em tossir, sentei por um instante desacreditando de tudo. Eu só queria fechar os olhos e abri-los em outro tempo; quem sabe minha vida anterior; quem sabe um futuro mais ameno.

E, absorta em pensamentos sombrios, uma música doce e distante se interpôs.

Seria uma alucinação auditiva? Depois de tantos dias de estresse e privação de sono, 15 dias sem voltar para casa, impotência mastigando meu cérebro... não seria inesperado.

A música começou a ficar mais forte, muitas vozes como num coral. Pude ouvir os violões.

Olhei pela janela e não vi nada. Nada nos corredores tampouco. É, acho que preciso de um tempo, realmente uma alucinação auditiva.

Já estava quase ligando para um amigo psiquiatra quando, de repente, uma multidão de jovens vestidos com touca de papai noel, sorrisos a postos e violões em punho, apareceu no corredor. Era uma Cantata de Natal.

Não sei se foi a música ou o brilho nos olhos deles, mas meus olhos transbordaram em lágrimas.

Pedi humildemente que entrassem no quarto, já que minha mãe não podia se mexer.

Não foi necessária nenhuma resposta. Em menos de um instante, uns 10 jovens-cantores-tocadores rodearam a cama da minha mãe, enquanto outros 30 pelo menos continuavam seu caminho no corredor. Cantavam “então é natal...” e uma leveza se instalou. As lágrimas da mamã mudaram de tom: do desespero para o acalento. E eu pude até sorrir.

Se essa quarentena é o prenúncio de um novo tempo, ou se a Cantata era o sinal que esperava, não tenho como precisar agora.

40 dias e 40 noites são suficientes para testar qualquer sanidade, e a minha cambaleia ainda entre desespero e esperança. Mas essa música...

“Então é Natal,  
E o que você fez?  
O ano termina,  
e nasce outra vez.”

A fênix que habita em mim saúda a fênix que habita em você.

Gratidão e força.

Sobre mami:

Mami está no quarto desde o dia 22/novembro. A mudança foi muito boa em relação aos aspectos cognitivos (ela está mais consciente, lúcida, adora as visitas, se sente mais segura e calma), mas foi ruim em termos de assistência médica. Na UTI ela tinha apoio 24h. No quarto, por mais que os técnicos e enfermeiros sejam anjos de gentileza e apoio, não há funcionários suficientes e nem treinados para o atendimento que ela precisa.

Tenho feito meu máximo para ajudar, mas há limites.

Ela finalmente saiu do respirador na última 6a feira e agora está apenas com oxigênio (que estamos desmamando também). Ontem trocou a traqueostomia por uma metálica – prenúncio que irão retirar a traqueo. Entretanto, não “passou” nos testes de deglutição e a alimentação continuará pela sonda enquanto ela melhora da respiração.

Tem crises de tosse homéricas (o que é bom para o pulmão e ruim para o sono e estabilidade emocional dela). Fica exausta.

Retiraram a sonda vesical (do xixi) e os acessos venosos (pontos positivos!). Agora ela toma medicação pela boca; via sonda de alimentação.

Já se movimenta bem melhor; consegue sentar na cama, está fazendo exercícios para fortalecer os braços e pernas, e almejamos em algum momento seguir para a cadeira de rodas.

Não pegou nenhuma nova infecção, mas cada dia no hospital é um risco.

Estamos fazendo tudo para que saia o mais rápido possível.

Os pensamentos positivos, orações e visitas têm feito continuarmos firmes.

Gratidão enorme.

Com carinho,

Lari

*9 de dezembro de 2018*

Notícias da mami - 9 de dezembro, 46 dias do acidente.

Mami tem progredido lentamente, mas sempre em boa direção.

Agora está sem oxigênio (meta são 48 horas direto), tem aprendido a ficar sentada na beira da cama com o fisioterapeuta (com ajuda, mas é incrível), e está reaprendendo lentamente a falar.

Ganhos diários com muita luta e determinação. Gratidão.

Começamos a discutir sobre alta.

Tem ainda que conseguir passar em alguns testes de deglutição e voltar a comer (uma semana na melhor das hipóteses, um pouco mais se necessário), mas seguimos.

Ela tem ADORADO as visitas, obrigada a cada um de vocês que se esforçou para vir. Isso melhora muito seu humor.

Força e sigamos.

Obrigada, Larissa.

*10 de dezembro de 2018*

IMPORTANTE – aos alunos, colaboradores, amigos e pacientes,

Sinto muito por alguns não entenderem, mas me afastei das minhas atividades e me manterei afastada até o final de janeiro. Essa foi uma escolha difícil, mas a fiz com coração tranquilo e forte.

Nesse momento, não há projetos ou atividades que demandem mais minha atenção e energia do que estar ao lado da minha mãe. Não há o que barganhar ou competir, compreendam. Não tenho energia para mais que isso.

Esses 47 dias não têm sido fáceis, queridos. Se a rotina da UTI já era intensa, agora estou há 23 dias direto no hospital, 24h por dia, sem voltar para casa. E apesar do corpo moído (dormir alguns minutos sentada não é exatamente revigorante) e a mente exausta (hipocampo já deve estar do tamanho de uma ervilha pela quantidade de cortisol desse período), me sinto bem e em paz de estar aqui.

Seria contraditório eu agir de outra forma...

Eu, que fomento tomadas de decisão difíceis aos meus pacientes; que ensino a reavaliação constante de valores e o alinhamento desses com a simplicidade e tranquilidade; que advogo sobre resiliência e saúde mental.

Eu, que escrevi ainda menina “(...) se me perguntassem a beira do leito se valeu a pena, responderia sem hesitar: – Cada segundo!”.

Seria muita demagogia ou inabilidade socioemocional eu retomar atividades de trabalho (que amo!) em vista do que os outros vão pensar de mim.

Eu realmente sinto muito.

Eu realmente sinto muito pelas palestras/congressos que cancelei, pelas aulas canceladas, viagens desmarcadas, TCCs não lidos, atendimentos suspensos. Mas cada pequeno momento que titubeei sobre retornar as atividades me lembrava de um estudo com pacientes terminais sobre morte, vida e arrependimentos. A pergunta mais impactante no estudo era “o que você faria diferente se pudesse viver novamente?”, e as respostas eram todas no mesmo sentido: “teria trabalhado menos e priorizado mais estar ao lado das pessoas que amo”.

Pois bem, é o que faço. Não vou esperar a beira do leito para valorizar e priorizar o que ainda tenho. É tudo tão frágil, tão breve.

Gratidão ao universo por me fazer perceber tudo isso.

Gratidão a mim mesma por ter me preparado (de inúmeras formas, inclusive financeira) para poder fazer isso.

Gratidão ao apoio maravilhoso de tantos amigos, colegas, parceiros, alunos. Empatia e compaixão àqueles que precisei me afastar. Eu não sou insubstituível, vocês são maravilhosos e plenos de recursos. Todos nós somos frágeis e efêmeros.

Carpe diem.

Ps: início de fevereiro estou aí novamente. Nenhum aluno será prejudicado com meu afastamento. Fiquem tranquilos que, assim que eu estiver bem, mimarei cada um de vocês de novo e me debruçarei a todos os projetos e sonhos que ficaram suspensos.

*11 de dezembro de 2018*

Quando estamos em situação de extrema vulnerabilidade, os pequenos ganhos parecem enormes. E parecem também carregados de significado e fantasia. Algo como àquelas alegrias da infância que são insignificantes aos olhos dos outros.

Não sei se todo esse processo me deixou mais infantil, ou se tenho momentos de alegria genuína apesar de tudo.

Dia desses na recepção, esperando o elevador chegar, um rapaz perguntou:

– Por favor, qual o andar da UTI?

A resposta foi automática, ainda que a pergunta não tivesse sido direcionada para mim. 29 dias na UTI são suficientes para decorar aquele andar de tristezas e alegrias. O segurança respondeu ao mesmo tempo:

– Terceiro.

Nesse momento, ao ouvir a fala conjunta, uma força incontável tomou conta do meu corpo e completei sorrindo:

– Verde!!!

Ao que saí correndo pela recepção tentando encontrar alguma coisa verde para tocar. Coloquei a mão sobre uma placa com dizeres em verde e completei como se tivesse 8 anos de idade novamente:

– Sorte pra hoje ou pra amanhã?

O segurança, um senhor de uns 50 anos com rosto meio sisudo, me olhou atônito e sem entender o que diabos eu estava fazendo ou perguntando. Por um segundo pensei “nossa, eu realmente estou enlouquecendo por aqui. Uma mulher de 40 anos fazendo brincadeira de criança no hospital?”. Mas não houve tempo desse pensamento se transformar em tristeza novamente. A recepcionista, uma moça de óculos e sempre sorridente, gritou ao longe:

– Sorte pra amanhã! E eu peguei no verde pra garantir também.

Os risos foram generalizados na recepção. As pessoas de passagem que tinham observado a micro cena riam como crianças, procuravam algo verde para encostar e completavam.

– Pegando no verde pra garantir!

– Ops, sorte pra mim também.

Eu adorava essa brincadeira quando era pequena. Adorava imaginar que a sorte estaria ao meu lado...

E não é que, mesmo crescida, o verde trouxe sorte?

Essa semana a recuperação da minha mami está espetacular. Conseguiu ficar sem oxigênio no final de semana, passou no “teste”

de deglutição e hoje tivemos uma surpresa. Na verdade, uma surpresa e uma visita especial.

As fonoaudiólogas haviam entrado no quarto para fazer nova avaliação com a mami e, ao posicionarmos ela na cama, encontramos uma joaninha na sua camisola. Todas sorriram. Eu, moleca, falei:

– É sinal de sorte.

A joaninha não queria ir embora.

A peguei na mão, voou para o braço da mami. A peguei novamente, se escondeu no cabelo da fono. Mais uma tentativa, e foi pousar na janela. Foram várias tentativas para que ela fosse embora, até que voou para fora como se seu presságio tivesse sido anunciado e compreendido.

Continuamos os testes com a mami e – pasmem – ela conseguiu comer um pote inteiro de iogurte.

Ficou tão feliz! Afinal, 47 dias de sonda, comendo papa pelo nariz, deve realmente ser insuportável.

Progredimos mais um pouco e as fonos liberaram uma dieta de treino ao longo do dia. Porções minúsculas de feijão, gelatina, mingau e sopa. Enquanto quase todo mundo torceria o nariz para esse tipo de comida, os olhos da minha mãe brilhavam, junto com os meus.

(...)

Brincadeiras de criança, joaninhas, escrever.

Talvez isso seja um modo de manter a sanidade por aqui, ou talvez eu já a tenha perdido mesmo... Ao menos tenho momentos felizes.

“Nem todo o dia é bom, mas sempre existe algo de bom a cada dia.”

Abra os olhos!

*16 de dezembro de 2018*

Rede de apoio é tudo nessa vida. Micro cena pela janela do hospital:

Estou eu fazendo massagem nos pezinhos da mami, janela escancarada em vista do calor de hoje, ela um tanto sonolenta, e me distraio vendo a paisagem. Sim, o jardim do hospital e a vista são realmente reconfortantes.

De repente, vejo um gavião enorme voando sobre as árvores. Atrás dele, cinco tico-ticos em manobras ousadas BICANDO o gavião. Provavelmente o expulsando de perto de algum ninho.

Rede de apoio é tudo nessa vida.

Só enfrentei meu “gavião” aqui nesses longos 53 dias de hospital por causa dos inúmeros tico-ticos que voaram comigo.

Gratidão. Enorme.

Vamos para casa semana que vem.

*19 de dezembro de 2018*

Chegamos em casa. :)

Após 54 dias de luta diária, continuaremos a luta por aqui; mas agora sem risco, apenas paciência.

Foi um período de muitas emoções, muita tensão. Por vezes imaginei que conseguiria lidar melhor com o luto do que com aquela possibilidade contínua de morte a qualquer momento. A impotência e a insegurança são capazes de nos enlouquecer, e agradeço por conseguir manter parcialmente a sanidade.

A exaustão do corpo continua – fiz até uma flebite pela maluquice de dormir por 29 dias em uma cadeira – mas a alma transborda de felicidade por estarmos em casa.

Não consigo agradecer o suficiente o apoio de todos. Saibam, por favor, que foram vocês que me mantiveram forte para poder estar ao lado dela, e que os pensamentos, orações e carinho de vocês fizeram muita diferença na recuperação da mami.

Os conceitos de empatia, gratidão e rede de apoio assumiram um amplo significado em minha vida. Quando estiver restabelecida, falarei sobre isso.

Agora é hora de renascer.

Nós conseguimos.

Gratidão.

Beijos meus e da Mami para todos!

Com carinho,

Lari

*24 de dezembro de 2018*

A gente improvisa, arrasta mesa e faz o melhor Natal de todos.

A casa da gente tem muitos significados... Promove uma sensação de segurança e acolhimento que não tem muita explicação. É algo que cresce por dentro. Nada lentamente! Surge de uma vez como se sempre estivesse lá.

Me lembra um pouco minha mania de sentar sempre no mesmo lugar quando vou a um restaurante que gosto... Quem nunca? A primeira vez em um restaurante sempre causa um tanto de ansiedade – mesmo boa – e incômodo. Tudo diferente, você não sabe muito bem o que esperar. Mas basta uma segunda vez, sentar no mesmo lugar, e você já se sente “em casa”. Que agradável!

Não há nada que eu tenha desejado mais nos últimos meses: estar em casa. Estar em casa com quem eu amo. Estar em casa com quem eu amo e me sentir segura. Sem corda bamba, sem montanha russa emocional, sem surpresas. Reverenciar a mesmice.

E como a jornada foi longa!

Mesmo não sendo religiosa, é difícil não fazer o paralelo: José e Maria não conseguiram chegar em casa para ter Jesus. Encontraram um estábulo e, nele, fizeram o lugar mais aconchegante e amoroso possível. Receberam amigos, recobriram as forças para seguir a jornada. Puderam ter beleza e esperança. Até hoje celebramos aquela casa.

Talvez nossa casa seja mesmo uma ideia interior. Uma âncora que jogamos num lugar para nos sentirmos seguros e aconchegados. A não-novidade que conforta.

Nesse Natal reverencio a mesmice, a simplicidade e o amor. Que eles me fortaleçam para seguir em frente. Renascer.

Feliz Natal. Que cada um de vocês, esteja onde estiver, se sinta em casa nessa noite.

*29 de dezembro de 2019*

Saudades de trabalhar!!!

Estou praticamente em abstinência depois de dois meses afastada.

Nível de fissura: sonhando há 3 dias que estou dando aula; na hora do almoço ideias sobre manejo de comportamento invadem meus pensamentos; assisto ao especial BlackMirror no Netflix para relaxar e só penso “que bacana!” para trabalhar com pacientes que têm dificuldade de escolha.

Hoje reforcei minha mãe ter levantado a perna com champagne. Explicitamente. E eu planejei!

Quequeéissomeupovo? hahahahaha

2019, segura que eu já estou chegando.

*30 de dezembro de 2018*

Facebook pergunta “o que estou pensando”.

Respondo a mim mesma: tenho muito a agradecer esse ano. Muitas pessoas-anjo, muitas pessoas-apoio, muita resiliência e perseverança conquistadas.

Esse anjo da foto faço questão de indicar a todos. Foi por causa dela que conseguimos sair do quarto do hospital e vir para casa antes de janeiro. Previsão de alta era apenas final de janeiro, isso se mami não contraísse mais nenhuma infecção...

Pâmela, bruxinha para os íntimos, é uma fisioterapeuta INCRÍVEL. Competência técnica de um nível absurdo, competência humana como todos merecem ter em momentos sombrios. Seu apelido carinhoso “bruxinha” surgiu pelo poder de sua mágica. Até agora nenhum médico acredita que minha mãe recebeu alta e está evoluindo como está.

Eu, bruxinha e mami continuamos forte e juntas, todos os dias, faça chuva ou faça sol, seja domingo, feriado ou Natal, tenha ônibus ou tenhamos que sair correndo atrás dele (essa parte merece uma crônica futura). Agora não precisamos nos esconder pelo hospital como “visita”, não é bruxinha? Agora faço questão de ter a porta de casa escancarada para você.

Gratidão.

Ps1: Nunca imaginei que um fisioterapeuta pudesse ser tão importante dentro de um hospital. Do nível de minha mãe parar de respirar e eu saber que tinha que achar um fisioterapeuta e não um médico. Que aprendizado!

Ps2: não posso deixar de agradecer a Dra. Amanda que acompanhou minha mãe maravilhosamente bem durante o período de

internação no quarto. Obrigada por acreditar na gente e aceitar minhas maluquices e ousadias. Deu certo. Eu sabia que daria certo.

Ps3: Minha médica-anja-pessoa-modelo que salvou e tratou minha mãe durante os 29 dias de UTI, Dra. Carolina Bez, continua sendo incomparável e minha pessoa modelo. Je t'adore, chérie.

Gratidão, gratidão, gratidão!

*31 de dezembro de 2018*

Cansada. Olho o relógio e vejo que o ano novo se aproxima. Há tanto o que pensar. Tanto pesar, mas tanto a agradecer.

Penso nos últimos 68 dias, mal consigo lembrar do ano como um todo.

2018 precisa ser analisado num antes e depois que me confunde, me entristece e alegra.

Queria uma foto bonita no dia de hoje; sei lá, algo que me retomasse a mim mesma. Mas meu olhar não esconde a jornada. Despedaçada e ao mesmo tempo mais forte. Isso é possível?

Não sou a mesma. Ninguém é. Um ano é tempo suficiente para mudar qualquer um. E esse ano...

Lembro de uma frase que li a primeira vez em um mural num congresso há muito tempo. Foi como um soco no estômago:

“Cada pessoa que você encontra está lutando uma batalha sobre a qual você não sabe nada a respeito. Seja gentil. Sempre.”

A vida me deu muitos socos nos últimos tempos. Cada pessoa que eu conheci no hospital travava uma batalha que outrora eu imaginaria intransponível. Essa experiência me fez criar um hábito estranho... ou bom. Difícil avaliar. O fato é que não consigo mais olhar alguém na rua e não imaginar suas possíveis lutas. Algo aflorou em mim.

Enquanto isso 2019 se aproxima sem piedade. Paradoxo? Não sei se estou pronta para um novo ano, embora precise dele desesperadamente.

Conto os segundos no relógio. Agora falta muito pouco.

Será que os fogos trarão como mágica acalento ao meu coração? Será que recomporão minhas forças num piscar de olhos?

Não sou a mesma, ninguém é. Um ano é tempo suficiente para mudar qualquer um. E esse ano...

Me repito na expectativa de me encontrar. De saber o que desejar para o ano novo.

Penso nos amigos, nos amores.

O que eu queria mesmo era me multiplicar e estar com todos eles nesse momento. Sentir seus afetos, dar meus afetos.

Não sei se 2019 é capaz de me resgatar. Talvez os anos novos tenham apenas o poder de nos ajudar a se reconstruir. Construir novas coisas, mais fortes.

Que 2019 possa trazer a cada um de nós força e construção. Que possamos usar essa metáfora para criar algo novo e belo.

Feliz ano novo.

*8 de janeiro de 2019*

[NOTÍCIAS DA MAMI; em forma de crônica por que eu gosto assim]

Os primeiros passos...

Quando eu decidi não ter filhos sabia que me privaria de certos prazeres – e dissabores – de ser mãe.

Criar uma criança produz milhões de oportunidades incríveis de prazer: o primeiro sorriso, a primeira palavra, a primeira comida, os primeiros passos. Compartilhar esses momentos faz os vínculos se tornarem surpreendentemente lindos e fortes. De fato, um amor diferente de tudo o que já se viveu.

Claro que há também as dificuldades: passar noites e noites em claro, trocar fraldas, acabar com as costas, quase enlouquecer de medo pela saúde do baby, esquecer a vida social e o trabalho com concentração, e aniquilar sua vida pregressa (hahahha, esse último foi só um pequeno exagero, mas que penso que as mães concordariam...).

Ser mãe leva a gente aos extremos da felicidade e da angústia. Muda nosso centro.

Confesso que não imaginei que cuidar da minha própria mãe me traria tantos paralelos com a maternidade-que-nunca-quis.

Nas noites em claro em que tinha medo de que o tubo de oxigênio se desprendesse – e ele se desprendia ao menos 30 vezes por noite – eu só pensava em manter ela viva. Só pensava que ela dependia de mim. Da minha atenção, do meu cuidado, do meu carinho. E eu o dava como se eu mesma não importasse.

Quando ela falou a primeira palavra – sim, porque durante longos 47 não havia voz – eu quase me derreti em lágrimas. Era um misto de novidade e saudade daquela voz, de possibilidade de comunicação real, de compreender o que ela queria.

Mesmo os momentos “difíceis” aos poucos se tornaram divertidos.

Imagino que pessoas sem filho devem achar um horror trocar fraldas – eu também achava! Mas a intimidade, as piadas, os apelidos engraçados, a possibilidade de fazer um bolinho humano com tanto talco (hahahaha), é algo surpreendentemente agradável. Mais que agradável, de uma cumplicidade amorosa que é difícil achar paralelo.

Então, me perdoem. Mas quando sua mãe dá os primeiros passos – com andador, a gente apoiando e um monte de outras restrições que desaparecem da análise da beleza naquele momento –, quando ela dá os primeiros passos dessa vida nova, eu me sinto uma mãe de primeira viagem vendo os primeiros passos do seu filho.

Hoje ela deu os primeiros passos.

Hoje eu chorei feito criança. Hoje eu chorei feito mãe.

Em meio a tanta dor e dificuldade, só posso agradecer por essa oportunidade.

E, people, agora mesmo é que já matei a vontade de ter filhos e estou dispensando a perguntinha fatídica: “mas quando você vai ter um bebê?“, hein?

Minha bebezona-mãe-que-cresce-rápido, além de me dar a vida, me deu também essa experiência.

Obrigada.

Ps1: a notícia era apenas que ela está melhorando e que hoje fizemos treino de andar. Mas eu gosto tanto mais da minha versão em crônica...

*12 de janeiro de 2019*

Bom dia para você que enxerga o lado bom da vida :)

Adoro gente louca do bem ♥

Hoje de manhã a bruxinha-fisioterapeuta passou creme anti-inflamatório na mami em forma de carinhas. Ela SEMPRE faz isso. Mas hoje mami estava mal-humorada com muita dor, então, o anti-inflamatório – e as carinhas – foram turbinados. hahahaha.

Deu até para ver que ela conseguiu roubar um sorriso da mami. :) Não resisti e tirei foto. Para posteridade.

Modo de vida atualizado: Carpe Diem, Humor e Gratidão.

*22 de janeiro de 2019*

Hoje faz 90 dias desde o acidente.

Começo agora a retomar a rotina de trabalho tentando a equilibrar à nova rotina-familiar-mãe-de-bebê-adulto. Ou seria tentando a equilibrar com a rotina humana? Ser gente humana é difícil. Muito difícil.

Fico pensando nessa somatória de papéis que me pegou desprevenida: mulher, esposa, professora, psicóloga, empresária, cientista e agora mãe-de-bebê-grande. Por um instante sinto na pele cada um dos gráficos que mostro em aulas sobre o impacto da dupla e tripla jornada feminina. Ser mulher é difícil. Muito difícil.

Um tanto por tudo isso, a cada dia que passa, mais admiro as mães que trabalham fora, e mesmo as que trabalham em esquema de home-office; que é o que tenho tentado fazer. É complicado condensar o trabalho nos intervalos entre as atividades de cuidado, além de que o nosso nível de concentração para qualquer coisa se resume a um piscar de olhos. Explico: se os olhos piscam ou você devaneia ou dorme [rsrs]. Ser mãe é difícil. Muito difícil.

Fico imaginando como era na época em que não havia licença-maternidade. Não faz tanto tempo assim. Qualquer pessoa com mais de 46 anos pode perguntar a sua mãe como era não ter licença-maternidade remunerada pelo governo – o que provavelmente implicava que os empregadores não gostavam da história quando eram eles que arcavam com esse custo. E, mesmo assim, não havia estabilidade para a gestante. Foi apenas em 1988 – quando eu já era bem grandinha – que as mulheres tiveram direito à licença-maternidade e estabilidade no emprego, e por 120 dias.

120 ínfimos dias. E eu aqui nos meus 90 dias titubeando sem enxergar muito bem a luz no fim do túnel. Talvez alguém pudesse criar uma licença-cuidado-pós-acidente-grave. Essas coisas mexem mesmo com a gente.

Mas é claro que há muita beleza entre o cansaço; além dos devaneios.

Hoje Mami deu duas voltas na varanda. CAMINHANDO na varanda. Pode ver suas flores, sentir o sol, se orgulhar de si mesma; me encher de orgulho e esperança.

Ela me faz resgatar um nível de admiração pelo mundo que eu havia esquecido. Admirar o quanto recebemos de dádivas: o sol, andar, poder usar o banheiro! [rsrs]. Nunca achei que seria grata por isso – usar o banheiro – apesar de estimular meus alunos e pacientes a exercitar a gratidão por coisas pouco usuais: que o digam os alunos que ensino a serem gratos pelos órgãos do corpo... Isso valeria uma crônica.

É, a vida é difícil. Mas humor é tudo nessa vida!

Acho até que vou mudar o meu bordão dessas crônicas:

Fé, força e HUMOR.

Gratidão.

*26 de janeiro de 2019*

96 dias do acidente.

Morte.

É curioso que a odíamos tanto.

Não digo que não devamos a odiar ou sofrer quando ela de fato acontece sorrateira. Conheço bem sua capacidade de devastação.

Mas quem ousa olhar para seu potencial de revelação? De construção?

Talvez as rimas tenham tornado piegas a ideia, mas você já tentou verdadeiramente encarar a morte? A morte anunciada?

Eu nunca me senti tão autêntica.

Enfrentar a possibilidade de morte – sua ou de alguém amado – pode, de fato, fazer uma revolução.

Tenho flertado com a morte mais de perto há algum tempo. Por vezes não soube a convidar para conversar. Quis excluí-la da vida, amaldiçoá-la. Mas ela, nem tão gentilmente, me fez notar sua presença constante. Me deu dois tapas na cara e me disse:

– Abra os olhos!

E eu, com lágrimas que me turvavam a visão, não soube entender no início. Ela continuou:

– Abra os olhos! Eu levarei seus bens mais preciosos e, depois, levarei você.

Não sei se foram os tapas ou a mensagem direta, mas eu nunca me senti tão plena, tão livre de medos; eu nunca enxerguei tão bem o que realmente me faz bem.

Entendam, não há mais o que temer. Tudo depende de nós, do que escolhemos, do que apreciamos. Se o tempo é finito, cabe um universo nesse momento.

E nesse momento tomamos chá novamente, eu e a Sra. Morte. Ela me diz coisas loucas e simples, e eu faço coisas simples que muitos considerariam loucas...

É tempo de se recolher. De apreciar. De cuidar do que e de quem amo.

E quando penso que compreendi algo, ela complementa:

– Não seja tão arrogante, menina. Abra os olhos!

Olhe em volta!

Minha visão havia se afunilado. Tanta energia e cuidado dispendido genuinamente em um único amor!

Mas as garras da morte são extensas. Elas podem tocar a tudo e a todos.

Dessa vez, refeita do tapa e da mensagem, tomei coragem e retruquei:

– Eu vou cuidar dos meus amores. Todos eles! Me dê apenas tempo para aprender.

– Então siga em frente com toda a sua força. E quando não houver mais força, continue mesmo assim seguindo em frente. Pois quando esse chá esfriar eu já estarei de volta. – disse ela com um tom meio lúgubre meio inspirador.

Lembro de uma expressão que ouvi num filme ainda há pouco: “Tenha bons pensamentos, boas palavras e boas ações”. Sinto uma epifania. Acho que é isso.

Abra os olhos!

Abram os olhos.

*02 de fevereiro de 2019*

Crônica dos 100 dias.

Olho para trás e mal consigo acreditar no que passou, no que passamos. Lembro da morte a rondar, do desespero, daquelas paredes brancas e frias do hospital.

Cem dias.

Lembro dos tubos, do teu corpo flácido, das semanas não dormidas em que eu não sabia mais quando era dia ou noite. Onde a memória me pregava peças e a realidade se misturava com pesadelos e delírios.

Cem dias. E nós chegamos até aqui. Era preciso comemorar. Minha alma cansada queria gritar aos quatro ventos como é renascer. Fênix precisam voar.

Acordamos cedo, como de costume. Depois da rotina básica perguntei:

– Mãe, quer pintar o cabelo?

Ela sorriu. Sei o quanto ela se esforça para me poupar de “incômodos” para além da rotina extensa de cuidados.

Fomos para o chuveiro e começamos a lambança. Será que eu já disse o quanto minhas habilidades manuais são inexistentes? Hahahha

O objetivo era apenas cobrir os cabelos brancos, eram poucos. Me esmerei ao máximo: prepara melequinha, passa melequinha, lava melequinha, passa cremíno, seca o cabelo...

Ufa! Até que ficou bonitinho, salvo um buraco que, não me pergunte como, continuou branco.

Escolhemos uma roupa bonita e confortável e fomos para o restaurante. A primeira vez que saímos de casa; salvo as três idas ao hospital.

Ela flutuava.

Não gastamos 10 minutos para entrar no carro – a primeira vez na saída do hospital levou uma hora e quarenta minutos e 4 enfermeiros.

Almoçamos como rainhas, com direito a companhia de amiga e sobrinhos dela, além da minha outra metade.

Cem dias.

Tivemos um ipê florido, uma família de tico-ticos, uma cantata natalina, duas figueiras majestosas, uma médica-pessoa-modelo, uma joaninha e muitos anjos pelo caminho. Agora temos também uma lagoa.

Se olhar para trás é doloroso, olhar com atenção faz tudo ficar gentil e possível.

Força, Fé e Humor.

Carpe diem.

Gratidão.

*05 de fevereiro de 2019*

105 dias do acidente.

Crônica “Revisita a UTI”.

E no meio de tanta dor, preciso confessar, eu me apaixonei...

Não foram seus enormes olhos verdes que me encantaram, nem aquela pele bronzeada que tanto contrastava com as paredes brancas e rostos pálidos da UTI. Até agora não sei se consigo definir – assim como toda boa paixão.

Eram três da tarde e Mami havia terminado a consulta de retorno no ambulatório. Médico marcou a próxima apenas para depois de três meses. Estávamos felizes e aliviadas. Mas meu coração batia ainda com ansiedade. Pela décima vez no dia eu falei:

– Mami, vamos dar um beijo na Dra. Carol lá na UTI?

Apesar da Mami lembrar muito pouco daqueles 29 longos dias, ela se recordava bem do sorriso largo e dos enormes olhos verdes da minha paixão. Quando a pergunto o que mais a marcou durante aquele período, me responde:

– Da Dra. Carol, em cima de mim. Aquele rosto dela bem pertinho do meu rosto falando comigo, me cuidando.

– Mas e eu cantando pra você? Fazendo massagem? Mostrando seus cartões enviados de tantos cantos do país? – Sempre retruco um tanto enciumada.

– Poucas coisas, minha filhota. Sentia sua presença, sabia que você estava lá o tempo todo. Mas aquele rosto dela tão perto do meu...

Pausa para explicação: A médica-anja-pessoa-modelo tinha uma escadinha que ficava ao lado da cama. Quando precisava conversar com a Mami – entubada, traqueostomizada, sem nenhuma voz durante todo o tempo por lá – subia em sua escadinha, se debruçava sobre o corpo da Mami, colava seu rosto bem junto ao dela e falava.

Enquanto eu me debatia para parcamente entender os movimentos dos lábios da Mami e o que me pedia, Dra. Carol travava longas conversas com ela; parecia lhe escutar a alma.

Enfim, minha paixão tinha mesmo o poder de arrebatrar qualquer um...

– Então, vamos lá para o andar da UTI?

Mami consentiu com um sorriso.

Saltitei pelos corredores e paramos na porta. Naquela porta. Por detrás dela um corredor que parecia interminável levava aos leitos e às notícias sufocantes. Mas hoje eu não tive medo.

Entrei com um sorriso largo em sua homenagem. Dancei pelo corredor como você gostava de me ver, alegre. Dei uma boa tarde apaixonada a cada um, e me coloquei em frente à sua mesa com cara de sapeca. Aquela mesma expressão de quando eu queria aprontar pela UTI e você me acolhia com seu coração sem tamanho.

– Oi Dra Carol. [Falei com voz de menina]

Ela levantou os olhos em minha direção, e quando se deu conta – foram longos dois segundos – falou: – Oi!!!!!!!!!!

Num pulo ela saiu de trás da mesa e me deu um dos abraços mais gostosos que já senti.

– Ela está aqui?

Me perguntou se referindo a Mami.

– Sim! Viemos te ver!

De braços dados caminhamos por aquele corredor que não me pareceu mais tão sombrio; ou terá sido você que brilhava tanto que só me fazia enxergar luz?

Ela abraçou minha mãe com um amor genuíno e meus olhos se encheram de lágrimas. Você. Você sempre me transborda os olhos.

Mami se levantou fingindo esforço algum. Conversaram ambas com a voz alta e serena. Não era mais necessário interpretar a alma. Mami a declamava com muito som. Eu as deixei curtirem aquele encontro, meus amores. Choraram as duas.

E, de repente, num instante em que não pude prever e nem perceber de onde veio, você me puxou num abraço agarrada também ao abraço da mami e disse olhando nos olhos dela, rosto colado como de costume:

– Você está ótima. Venceu. Você fez tudo para chegar até aqui. Nós fizemos. Três grandes mulheres. Juntas!

Ah, a paixão... como senti falta desse seu jeito inspirador. Tenho vontade de não sair do seu lado nunca mais.

E, como sem saber das minhas borboletas no estômago, você sugeriu uma visita em casa. Me deu seu telefone, que anotei tremulamente. Nos abraçou uma última vez e voltou para seu palácio para continuar com sua mágica.

Eu? Não consegui ainda te mandar um recado marcando a tal visita. Preferi por hora essa crônica de amor. Exagerada. Escancarada. Indiscretamente pública.

“Todas as cartas de amor são ridículas.  
Não seriam cartas de amor se não fossem ridículas.”

Obrigada por cultivar esse amor dentro de mim. Um amor que transcende o mundano, que desejo que se multiplique em todas as pessoas nas quais você produz sua mágica.

Para a eterna Dra. Carol.

Gratidão. Amor.

*02 de março de 2019*

Ela me pedia há dias uma foto em nosso jardim...

– Eu quero uma foto em pé, sozinha, e com o sol batendo em mim.

Treinou tanto com a fisioterapeuta que, quando ela chorava de dor, toda suada, o único jeito de a fazer rir era entoar a piada que a fisio tinha inventado:

– Vai! Agora sente como as Panicats sofrem para ficarem com aquele coxão!

Era riso para todo lado. O “treino panicat” rendia mais frutos do que o fortalecimento das pernas, rendia esperança.

Confesso que nunca conheci alguém tão determinada quanto minha mãe. Eu, que me acho obstinada, provavelmente teria deprimido nas primeiras semanas de reabilitação. É preciso muita força de vontade para continuar seguindo. É preciso muita atenção positiva para enxergar os ganhos mínimos, embora diários. É preciso ter muito equilíbrio para não enlouquecer tendo sua vida completamente alterada.

Ela, por outro lado, parece seguir inabalável.

Em sua difícil e longa jornada, sou capaz de contar as vezes que a vi sem um sorriso no rosto. Não encham uma mão. Ela transpira confiança e serenidade.

E hoje, 129 dias depois do acidente, conseguimos a foto almejada.

(...)

O dia nasceu ensolarado. As pernas de panicat estavam fortes. O ar carnavalesco inspirava aventuras.

Ela seguiu sozinha até o jardim. Sem andadores ou bengalas. Amparada apenas pelos olhares cuidadosos que eu e sua bruxinha-fisioterapeuta não desviavam por um segundo.

Parou, abriu os braços e o sol foi gentil. Não sei se teve consciência do seu poder, mas ele exalava. Exalava tão forte que meus olhos marejaram.

Aguenta coração!

Bom carnaval pra quem é de carnaval, boa superação pra quem é de superação.

bjs admirados,

Sua filhota.

